

COMO NÃO MATAR FORMIGAS

Maria Xavier

O TEMPO ADIANTOU-SE a mim, correndo mais do que eu. As décadas não percebidas e os cinquenta prestes a se apresentar. Aquela parte do armário que aguardava com velhas lembranças intocadas, mas de quem? Você teria coragem de mergulhar?

Dessas coisas que só o tempo suaviza. Aquelas fotos de menino travesso, sempre alegre. Dezessete anos, o desaparecimento e o desfecho não esperado, quem pensa nisso? Tão jovem e dois empregos, ensino médio, mas o rio segue seu próprio trajeto. Apenas a mais nova teve coragem... sim, era ele.

Avisos e preparativos. Muitas perguntas: Como? Usava drogas? Tinha envolvimento com criminosos? “X-9” talvez? Pessoas especulam sem analisar o sofrer alheio, afinal, com os seus isso nunca aconteceria. O rosto do pai a escolher a urna e uma frase que pudesse encaminhá-lo, o que ninguém avisou quando o menino nasceu.

A mãe no torpor do assombro, procurando culpados que asfixiaria com as próprias mãos. A avó lembrando, primeiro neto, chegava sempre abraçando e pedindo comida. Chegou a ouvi-lo mesmo depois. Família despedaçada que se unia ainda mais para voltar a sorrir.

Primeiro natal, primeiro dia das mães, lágrimas fáceis. E a mais nova a lembrar da posição fetal em que o reconheceu, era como ele dormia. Em minha mente, os cabelos encaracolados que gostava de enrolar com seus dedinhos para dormir, que balançavam quando corria na rua aos domingos, casa da vó. Da adolescência, lembro o sorriso com dentes brancos, o axé que dançávamos todos juntos, com ele a conduzir. Uma alegria na praia, casa da vó.

Sempre preocupados estávamos porque tinha convulsões, ele, trabalhava e vivia regrado, sem café ou coca-cola: “Tia não posso por causa do remédio.” Mas e o “se” que no início incomodava. Se soubesse, teria abraçado com mais força, naquele último encontro de família, ficaria com a sensação. Reclamava do bolo que estava seco, ah menino...E você? Abraça?

Hoje tudo diferente, teria trinta e um. Sorrimos muito, lembramos e comemoramos porque estivemos e permanecemos. Talvez ainda role uma lágrima de saudade na intimidade de cada um de nós, não é segredo que sentimos. Nunca soubemos o porquê. Será que lá onde ele vive pode-se mudar a aparência? Sonhava em ter cabelos longos e escorridos.

Família não mais despedaçada, receber nossas sobrinhas netas com aquela tristeza, seria injusto. Porta-retratos com seu rosto aqui e ali, não em culto ao sofrimento, em homenagem à sua passagem, e para que as sobrinhas o conheçam.

Outras festas chegaram casa da vó hoje bisas, família e agregados. O vídeo no grupo da família para os que não puderem ir. Família barulhenta construindo lembranças, quem será o próximo a partir?

Ah, sim, como não matar formigas? Ainda não aprendi, continuo matando-as. Talvez, depois de algumas outras vidas, aprenderei a não mais matá-las.

Maria Xavier

Casada, um filho de 25 anos. Formada em Tecnologia da informação e especialista em dificuldades de aprendizagem. Professora desde 1990, hoje leciona em uma pequena faculdade. Leitora. Escritora?
e-mail: mariaaxavier@globo.com